

OPINIÃO SOCIALISTA

Pág. 12 a 25

ENFRENTAR
O SISTEMA

POR
um BRASIL

SOBERANO E
SOCIALISTA

HERTZ DIAS PRÉ-CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DO BRASIL

DERROTAR O BOLSONARISMO E SUPERAR A CONCILIAÇÃO DO PT

MUNDO
NOVO TARIFAÇO
DOS EUA QUER
O BRASIL
DE JOELHOS

Pág. 27 a 35

IRÃ
TRUMP RETOMA
A GUERRA
PARA REVERTER
FRACASSO

Pág. 46 e 53

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

Pág. 4 a 6

NOTAS

PT coloca o articulador da campanha de Bolsonaro em 2018 na chapa ao Senado

Todo apoio à Ocupação dos Queixadas em Cajamar (SP)

Pág. 7 a 11

EDITORIAL

**POR QUE CONSTRUIR AS
PRÉ-CANDIDATURAS DO PSTU
DE ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA
E SOCIALISTA?**

Pág. 12 a 25

CENTRAIS

**DO MICROFONE NA MÃO
ÀS RUAS, ENTOANDO
OS VERSOS DA REVOLUÇÃO**

Pág. 26

PARTIDO

**CONFIRA AS PRÉ-CANDIDATURAS
SOCIALISTAS E REVOLUCIONÁRIAS
DO PSTU PELO PAÍS**

Pág. 27 a 35

MUNDO

**EM NOVA OFENSIVA IMPERIALISTA,
TRUMP QUER O BRASIL DE JOELHOS**

Pág. 36 a 38

MUNDO

**APITO FINAL: O QUE FICA DA
COPA DE 2026**

Pág. 39 a 42

CLASSE TRABALHADORA

**PETROLEIROS PREPARAM
CAMPANHA PARA SEGUNDO
SEMESTRE**

Pág. 43 a 45

CLASSE TRABALHADORA

**SINDIPETRO-RJ FILIA-SE À
CSP-CONLUTAS**

Pág. 46 a 53

MUNDO

**TRUMP RETOMA GUERRA PARA
REVERTER FRACASSO**

Pág. 54 a 58

CULTURA

**O ROCK É PRETO, MULHER
E OPERÁRIO**

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Opinião Socialista Ltda.

CNPJ: 55.446.524/0001-00 / Atividade Principal 91.92-8-00.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

📷 @opiniaosocialista

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo
(SP) CEP: 01313-000

PERNAMBUCO

PT coloca o articulador da campanha de Bolsonaro em 2018 na chapa ao Senado



Humberto Costa, do PT, e Luciano Bivar, filiado ao MDB. Fonte: Reprodução

Na convenção da chapa Brasil da Esperança (PT, PCdoB e PV), causou surpresa ver Luciano Bivar, hoje filiado ao MDB, mas que foi presidente do PSL em 2018. Esse foi o partido que lançou Jair Bolsonaro à presidência da República e abrigou toda a nata do bolsonarismo, formando uma grande bancada de deputados e senadores.

Luciano Bivar foi, na época, o grande articulador político da candidatura de alguém que era visto como pária da política brasileira, mas que, graças ao PSL, conseguiu eleger-se presidente do Brasil. Agora, o PT anuncia Bivar em sua chapa, colocando-o como suplente de Humberto Costa, que disputa uma vaga no Senado por Pernambuco. Seria cômico se não fosse trágico.

O PT em Pernambuco, além de não fazer oposição ao governo Raquel Lyra – vale lembrar que todos os deputados estaduais do partido integraram a base aliada da governadora, gerando inclusive disputas internas, com uma ala pró-Raquel Lyra e outra, hoje majoritária, pró-João Campos –, agora dá mais um passo na política da conciliação.

MORADIA

Todo apoio à Ocupação dos Queixadas em Cajamar (SP)



Ocupação Queixadas.

As famílias da Ocupação dos Queixadas, em Cajamar (SP), realizarão, no dia 1º de agosto, um grande ato de resistência em defesa da moradia. A atividade marca os sete anos de existência da comunidade e acontece em meio à ameaça de despejo que coloca em risco cerca de 100 famílias que vivem no local.

A realização do ato ocorre em um momento delicado para os moradores. Na semana passada, o Tribunal de Justiça de São Paulo manteve o avanço do processo de despejo contra a ocupação, aumentando a preocupação das famílias.

O Movimento Luta Popular, filiado à CSP-Conlutas e organizador das famílias, alerta que a remoção forçada provocará perda de empregos, interrupção dos estudos das crianças, rompimento dos vínculos comunitários e levará famílias à situação de rua.

ADQUIRA O SEU! LIVRO CHESNAIS

COMPRE AGORA

LANÇAMENTO



R\$200,00

☎ 11 98649-5443
www.editorasundermann.com.br

Por que construir as pré-candidaturas do PSTU de esquerda revolucionária e socialista?



Protesto contra tarifaço de Trump em 2025. Foto: Sindmetal/SJC

Trump aplica um tarifaço no Brasil no mesmo momento que retoma a absurda guerra contra o Irã, mostrando como o imperialismo está disposto a usar agressões comerciais, econômicas e até militares para tentar ampliar o controle dos seus monopólios sobre nações inteiras.

Mas nem quando o Brasil é atacado pelo imperialismo a burguesia brasileira se coloca contra a subordinação econômica a um país estrangeiro. Pelo contrário, todos os principais setores capitalistas do país estão contra qualquer medida de reciprocidade ou retaliação. Fiesp, Fenatac, Abimaq e muitos outros. Defendem, ao invés disso, ampliar a submissão do país aos EUA.

Nesse mesmo sentido vai Flávio Bolsonaro, que é um traidor da pátria lambe-botas dos EUA e propôs adiar o tarifaço, já que garantia a Marco Rubio que atenderia tudo que os EUA quisesse caso fosse eleito. Enquanto fechávamos esta edição, inclusive, acabava de realizar uma reunião com embaixadores atacando as urnas eletrônicas. Algo que seu pai já havia tentado fazer e tem um sentido bem definido: deslegitimar um resultado que não o agrada e buscar apoio a seu chefe na Casa Branca. Um golpista capacho dos EUA como o resto da família e da extrema direita.

E o governo Lula? Que atitude tomará? Apesar de toda retórica em defesa da soberania, o governo não adotou nenhuma medida prática real contra mais essa agressão econômica imperialista. O vice-presidente, Geraldo Alckmin, chegou a afirmar que “olho por olho deixa os dois cegos”, enquanto o próprio Lula diz que o Brasil não sairá da mesa de negociação nem aumentará o antagonismo com os EUA. Enquanto liberam bilhões para as grandes empresas afetadas pelas tarifas de Trump, seguem negociando e fazendo as concessões que julgam possíveis em benefício das multinacionais dos EUA que já dominam a economia nacional.

DOIS PROJETOS COM DIFERENTES FORMAS DE SUBMISSÃO AO IMPERIALISMO

Vivemos há anos uma polarização no Brasil entre Lula e Bolsonaro. Ambos representam diferentes projetos políticos. O bolsonarismo é completamente alinhado a Trump e ao projeto autoritário da extrema direita mundial. Enquanto o governo do PT preferiria, na verdade, submeter-se

a uma ala do imperialismo diferente, mais ligada aos democratas e aos defensores, pelo menos em palavras, da democracia dos ricos.

Lula defende também a entrega do país para outros setores do imperialismo, como o europeu e o chinês. Já Bolsonaro não teria problema em se alinhar exclusivamente aos EUA, embora Lula não negue acordos com Trump, tampouco Bolsonaro com a China. Tudo isso serve de evidência de que a disputa entre os setores imperialistas no mundo contribuem para diferentes tipos de disputas no Brasil.

Ou seja, Lula e Bolsonaro têm projetos diferentes sobre como administrar o capitalismo brasileiro e inclusive na sua relação com o imperialismo. Mas a primeira ressalva é que ambos se mantêm nos marcos do sistema atual. Apesar de várias diferenças, nenhum dos dois projetos defende a soberania nacional de fato a ponto de propor a ruptura com algum setor do imperialismo.

É PRECISO ENFRENTAR AS ENGRENAGENS DO SISTEMA

Combinar a luta em defesa da soberania com a luta pelas reivindicações dos trabalhadores, como a luta pelo fim da escala 6×1, por aumento geral dos salários rumo ao salário do Dieese, ampliação dos investimentos nas áreas sociais, é fundamental.

Aqui voltamos ao governo Lula. A proposta do fim da 6×1 empacou no Senado por responsabilidade do centrão e também do governo. Assim como a política de aumento do salário mínimo é ínfima e vagarosa, dependendo do crescimento do PIB e

limitada a um teto de 2,5% de aumento real, tudo isso por conta do arcabouço fiscal criado pelo governo Lula. A extrema direita e o centrão defendem piorar o que já não está bom e querem aprofundar os ataques contra os trabalhadores.

Mesmo quando medidas progressivas são aprovadas, elas se dão com muita luta dos trabalhadores e são deturpadas ou destruídas pelos capitalistas logo em seguida. Por isso, é necessário avançar com uma série de medidas para enfrentar as engrenagens do sistema.

Junto com isso, a criação da Terrabras para explorar e refinar as terras raras 100% pelo Brasil, sob controle dos trabalhadores. Assim como reestatizar os setores-chave da economia brasileira que estão nas mãos da burguesia brasileira e internacional, controlando grande parte do PIB, mas com o excedente indo engordar seus lucros e não para gerar industrialização e investimentos no país, muito menos para resolver os problemas estruturais de desigualdade social, miséria e péssimas condições de vida da classe trabalhadora.

FORTALECER UMA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA, REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

Então, ao PT fazer um governo a serviço dos capitalistas, ele não é capaz de enfrentar o imperialismo, tampouco garantir as medidas necessárias para melhorar a vida dos trabalhadores. Também não ajuda na derrota da própria extrema direita, tanto que segue com peso na sociedade mesmo após mais quatro anos de governo Lula.

É por isso que precisamos construir uma alternativa de esquerda, mas que seja revolucionária e socialista. É óbvio que a extrema direita é perigosa aos trabalhadores. Mas também é óbvio que o chefe dela a quem Flávio Bolsonaro bate continência é Trump, com quem Lula segue negociando sem enfrentar. Então, quem ajuda a extrema direita? Quem constrói uma alternativa revolucionária e socialista ou quem governa junto com a direita a favor dos capitalistas e imperialistas?

Não existe alternativa para a esquerda por dentro da base de apoio ao governo Lula. Inclusive para poder derrotar a extrema direita para valer é preciso superar a conciliação de classes do PT, que mantém um programa nos estreitos limites do sistema e do regime.

É preciso retomar a noção de que o programa efetivo para os trabalhadores é aquele que ajuda a ampliar sua consciência, sua capacidade de organização e sua luta contra o capitalismo e pelo socialismo. Por isso, construímos as pré-candidaturas da esquerda revolucionária do PSTU. ■

Nem Lula nem Bolsonaro defendem de fato a soberania nacional: ambos mantêm o Brasil preso às engrenagens do imperialismo, e só uma alternativa revolucionária e socialista pode libertar os trabalhadores.

HERTZ DIAS

Do microfone na mão às ruas, entoando os versos da revolução

 ROBERTO AGUIAR E JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO



Hertz Dias em Curitiba. Foto: Phill Natal

Professor, rapper e militante socialista, Hertz Dias chega às eleições de 2026 levando para a campanha uma trajetória construída nas escolas públicas, nas periferias, no movimento negro e nas lutas da classe trabalhadora.

Entre livros, salas de aula, batalhas de rap, assembleias sindicais, ocupações populares e manifestações de rua, Hertz construiu uma trajetória unindo educação, cultura e militância política em defesa de um mesmo projeto: organizar os de baixo para enfrentar a exploração, combater o racismo e construir uma sociedade socialista.

É dessa caminhada que nasce sua candidatura à presidência da República pelo PSTU, tendo como candidata à vice-presidente a professora mineira Vanessa Portugal.

A FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR

Natural de São José de Ribamar, na região metropolitana de São Luís (MA), Hertz Dias cresceu em uma família trabalhadora e conheceu desde cedo as contradições de um país profundamente desigual. As experiências vividas na infância e na juventude, em um estado marcado pela pobreza e pela exclusão social, ajudaram a moldar sua compreensão da realidade brasileira.

Começou a trabalhar muito cedo. Deixou a escola pelo racismo que sofria, espaço ao qual retorna já adulto, incentivado pelas músicas do grupo de rap Racionais MC's. Assim, a educação ganhou outro significado em sua vida, que ultrapassava os limites da escola. O conhecimento não apareceu como possibilidade de ascensão individual, mas como instrumento para compreender as estruturas que produzem as desigualdades e, sobretudo, para transformá-las.

Passou no vestibular e cursou História na Universidade Federal do Maranhão, quando a universidade era um lugar com poucos pobres e negros. Aprovado no concurso público, tornou-se professor na rede pública municipal e estadual. Querido pelos seus alunos em sala de aula, Hertz tem uma prática pedagógica voltada à formação crítica de seus estudantes, pois compreende o ensino como parte do processo de emancipação da juventude trabalhadora.

Mestre em Educação, desenvolve pesquisas voltadas às relações entre cultura, juventude, racismo e organização popular, sempre procurando estabelecer pontes entre produção intelectual e intervenção política. Em sua trajetória, universidade e movimento social nunca ocuparam lugares opostos.

O HIP-HOP COMO INSTRUMENTO DE LUTA

Hertz encontrou na cultura uma poderosa ferramenta de organização popular. Ainda no final da década de 1980, aproximou-se do movimento hip-hop, inicialmente por meio do break e, logo depois, do rap. Em um contexto de expansão da violência urbana, do desemprego e da marginalização da juventude negra, o hip-hop se tornou uma linguagem capaz de transformar indignação em consciência política.



Atividade do Quilombo Urbano, 20 de novembro de 2025. Fonte: Arquivo Pessoal

Suas letras denunciam a violência policial, o racismo, a pobreza, o abandono das periferias e a ausência de perspectivas para milhares de jovens

brasileiros. Mas, diferentemente da lógica da indústria cultural, não se limita à denúncia. São letras que convidam à organização coletiva.

Dessa experiência, surgiu o Quilombo Urbano, organização que se tornou referência nacional ao articular cultura, formação política e mobilização social nas periferias de São Luís. Muito além de um coletivo artístico, o Quilombo Urbano consolidou-se como espaço de resistência da juventude negra, promovendo debates, atividades culturais, campanhas comunitárias e ações voltadas ao fortalecimento da organização popular.

Hertz passou a integrar o grupo Gíria Vermelha, como vocalista do grupo, mantém vivo um rap profundamente identificado com as lutas sociais e com a tradição de resistência construída pelo movimento hip-hop.

Apresentação cultural,
grupo Gíria Vermelha

Festival de Hip-hop
realizado em 2002
no bairro da Liberdade,
em São Luís (MA)

Participação na
Marcha dos Cem Mil
em Brasília, 1997



Em suas reflexões sobre cultura, insiste em uma ideia que atravessa toda a sua produção intelectual: o hip-hop nasceu como expressão de contestação e não pode ser reduzido a mercadoria. Quando transformado apenas em produto para consumo, perde parte significativa de sua capacidade de questionar a ordem estabelecida.

O combate ao racismo com raça & classe

A atuação de Hertz Dias no movimento negro se tornou uma das marcas mais conhecidas de sua trajetória política.

Ao longo de décadas de militância, participou de debates, seminários, publicações e iniciativas voltadas ao enfrentamento do racismo numa perspectiva marxista como questão de raça e classe. Em seus textos, argumenta que a discriminação racial não pode ser compreendida apenas como resultado de preconceitos individuais, mas como parte da própria formação histórica do capitalismo brasileiro.

Segundo essa perspectiva, a escravidão, a concentração de renda e a exclusão social produziram uma estrutura que continua relegando a população negra às piores condições de trabalho, renda, moradia, educação e acesso aos direitos fundamentais.

Ao mesmo tempo, Hertz defende que o combate ao racismo exige mais do que políticas de inclusão limitadas às instituições existentes. Para ele, a emancipação da população negra está profundamente ligada à transformação das relações econômicas que sustentam a exploração da classe trabalhadora.

Essa elaboração teórica aparece tanto em seus artigos quanto em sua prática militante. Sua atuação sempre buscou combinar a luta do movimento negro ligado com a classe operária,

com as lutas dos trabalhadores, estudantes, povo pobre, conectado com o programa socialista, compreendendo que diferentes formas de opressão são reproduzidas pela forma capitalista de organização social.



Visita a Curitiba

Visita a
Curitiba

A CONSTRUÇÃO POLÍTICA NO PSTU

Foi essa compreensão que aproximou Hertz Dias do PSTU. Ao ingressar no partido, encontrou uma organização comprometida com a independência política da classe trabalhadora, o internacionalismo e a defesa de uma transformação socialista da sociedade. Hoje integra a direção nacional do partido e se tornou uma de suas principais referências nos debates sobre educação, cultura, juventude e questão racial.

Ao longo desse período, disputou eleições para diferentes cargos, sempre afirmando que as campanhas eleitorais deveriam servir como espaço de diálogo com a população e de fortalecimento das lutas sociais, e não como mero instrumento de conquista de mandatos.

Em 2018, integrou a chapa presidencial ao lado de Vera Lúcia. Também concorreu ao governo do Maranhão e à prefeitura de São Luís, levando para

as campanhas as reivindicações construídas pelos movimentos populares e pela classe trabalhadora.

A emancipação da população negra está profundamente ligada à transformação das relações econômicas que sustentam a exploração da classe trabalhadora.

VENHA COM HERTZ E VANESSA

Por uma alternativa de esquerda revolucionária e socialista



Hertz Dias e Vanessa Portugal

Ao anunciar Hertz Dias como candidato à presidência da República e Vanessa Portugal como candidata à vice-presidência, o PSTU apresenta uma alternativa que representa

trajetórias construídas na luta dos trabalhadores do país contra as mazelas sociais produzidas pelo sistema capitalista.

Com a força dos trabalhadores, enfrenta Trump diante dos seus planos de aprofundar a subordinação do Brasil e da América Latina. Mas não para por aí e coloca a importância da luta contra todos os setores do imperialismo seja dos EUA, seja da Europa ou da China.

DERROTAR A EXTREMA DIREITA BOLSONARISTA E SUPERAR A CONCILIAÇÃO DO PT

Diante da polarização entre bolsonarismo e lulismo, apresenta uma visão única capaz de enfrentar a extrema direita e suas ameaças autoritárias e os ataques do governo Lula contra os trabalhadores e superar a conciliação de classes.

Derrotar o bolsonarismo lambe-botas de Trump e dos EUA exige um programa que vá à raiz dos problemas econômicos, sociais e políticos do país. O governo Lula, ao ter como política administrar o capitalismo brasileiro respeitando o sistema, negociando com Trump, atendendo aos interesses dos grandes empresários que controlam a economia, não consegue resolver os principais problemas estruturais brasileiros como a desindustrialização e a espoliação das riquezas naturais pelas multinacionais.

Contra o imperialismo, com a força dos trabalhadores organizados.

VANESSA PORTUGAL

Uma trajetória de luta ao lado dos trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo



FIRMINIA RODRIGUES,
DE BELO HORIZONTE (MG)



Vanessa Portugal.

A trajetória de Vanessa Portugal foi construída nas campanhas em defesa dos trabalhadores e dos setores oprimidos da sociedade. Professora da rede pública e dirigente sindical, Vanessa dedicou sua vida à defesa da educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

Ao longo de décadas de militância, participou da organização de importantes greves e mobilizações da categoria, enfrentando governos de diferentes partidos que atacaram os direitos dos servidores públicos e tentaram impor a privatização e a precarização. Sua atuação sempre esteve baseada na democracia operária,

na organização da base e na confiança de que somente a mobilização independente pode conquistar e preservar direitos.

AO LADO OS OPRIMIDOS, EM TODO O MUNDO

Sua militância também está profundamente ligada ao combate às opressões. Participa das lutas das mulheres trabalhadoras, defendendo salário igual para trabalho igual, combate à violência machista, direito ao aborto legal seguro e gratuito e políticas públicas que garantam autonomia às mulheres.

Da mesma forma, atua nas lutas contra o racismo, em defesa da juventude negra, da população LGBTI+ e dos povos indígenas, compreendendo que não há emancipação dos setores oprimidos sem derrotar o capitalismo.

Vanessa também representa a tradição internacionalista do socialismo revolucionário. Ao longo de sua militância, participou de campanhas de solidariedade aos povos em luta. Defende o direito do povo palestino à autodeterminação e esteve presente nas mobilizações que exigem o fim da ocupação israelense, do genocídio em Gaza e de toda forma de apartheid contra o povo palestino. Da mesma forma, manifesta solidariedade à resistência do povo ucraniano, defendendo que nem a OTAN nem o imperialismo oferecem uma saída para os trabalhadores da Ucrânia.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Ao lado de Hertz Dias, dirigente do movimento negro e militante socialista, Vanessa ajuda a expressar uma candidatura profundamente enraizada nas lutas populares. Não é uma chapa

financiada pelos grandes empresários nem comprometida com os interesses dos bancos. É uma candidatura que acredita que somente a organização independente da classe trabalhadora poderá transformar o Brasil.

A candidatura de Vanessa Portugal busca fortalecer a organização e reconstruir a confiança da classe trabalhadora em sua própria força. Sua trajetória demonstra que a transformação do Brasil não virá dos acordos entre as elites, mas da mobilização consciente dos explorados e oprimidos. É essa coerência política, construída ao longo de décadas de militância sindical, socialista e internacionalista, que faz de Vanessa Portugal uma expressão das lutas da classe trabalhadora e dos povos que resistem à exploração e à opressão em todo o mundo.

A candidatura de Vanessa Portugal busca fortalecer a organização e reconstruir a confiança da classe trabalhadora em sua própria força.

PROGRAMA

Enfrentar o sistema, por um Brasil socialista e soberano



ROBERTO AGUIAR E JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO

As propostas apresentadas pela chapa Hertz e Vanessa partem de responder às necessidades mais imediatas da classe trabalhadora brasileira,

como por exemplo o fim da escala 6×1 já e o aumento geral dos salários rumo ao salário mínimo do Dieese. Na educação e na saúde, defende ampliar os investimentos capazes de universalizar serviços gratuitos e de qualidade, revertendo décadas de sucateamento. Hertz e Vanessa defendem ainda revogar as reformas trabalhista e da previdência e a garantia de direitos para trabalhadores terceirizados e de aplicativos.

No campo, sustentam a realização de uma ampla reforma agrária sob o controle dos trabalhadores e dos povos da floresta, a demarcação das terras indígenas, a titulação dos territórios quilombolas e a defesa dos povos da floresta, combatendo o avanço do agronegócio, da mineração predatória e da devastação ambiental.

Também integram o programa medidas de combate ao racismo, ao machismo, à lgbtifobia, contra o feminicídio, a violência policial e as diversas formas de opressão que atingem a maioria da população brasileira.

POR UMA REAL SOBERANIA

Para garantir vida digna ao nosso povo e reverter séculos de desigualdade social, é preciso tirar o Brasil da decadência econômica em que se encontra, fruto de um projeto capitalista dominado por uma burguesia nacional que é subserviente aos interesses imperialistas. Não podem nem querem investir no Brasil. Promovem a espoliação aberta e voraz.

Não pode se desenvolver nem atender aos interesses dos seus trabalhadores o país que não tem soberania nacional. O Brasil sempre foi

dependente dos países ricos, sendo explorado e economicamente subordinado. Por isso, para garantir as condições de vida digna para os trabalhadores e a soberania nacional contra o imperialismo, é preciso enfrentar os capitalistas.

Para garantir um processo de reindustrialização de verdade do Brasil, que atenda aos interesses dos trabalhadores, é preciso enfrentar os grandes grupos econômicos que dominam a economia nacional e lucram muito mantendo o país no atraso.

O programa começa por aplicar a reciprocidade contra o tarifaço dos EUA, mas junto com isso deve aplicar o controle de capitais, proibição da remessa de lucros para o exterior e sobretaxação de monopólios e grandes bilionários donos das maiores empresas.

REINDUSTRIALIZAR O PAÍS PARA MELHORAR A VIDA DOS TRABALHADORES

Os setores estratégicos do país – mineração, energia, grandes conglomerados do agronegócio, siderurgia –, os quais foram construídos com dinheiro público, grande parte sendo inclusive estatal no passado, devem ser reestatizados e colocados sob controle dos trabalhadores, de modo que o excedente produzido pelos trabalhadores dessas grandes empresas seja utilizado para reindustrializar o país e melhorar a vida dos trabalhadores. Em vez de a Petrobras mandar R\$ 100 bilhões para seus acionistas ou a Vale enriquecer os bilionários estadunidenses donos de suas ações, os lucros dessas empresas poderiam resolver os problemas do país e dos trabalhadores.

Junto com isso, é necessária a suspensão do pagamento da dívida pública aos grandes especuladores, nacionalizando o sistema financeiro e acabando de uma vez por todas com a política fiscal que garante a remuneração dos capitais ociosos dos grandes grupos capitalistas pelo mecanismo de espoliação que é o sistema de dívida pública.

POR UM GOVERNO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES

Tudo isso se choca contra o bolsonarismo, que defende aprofundar os ataques, o centrão no Congresso, que quer retirar mais direitos, mas também contra o próprio governo Lula, que foi quem fez o arcabouço fiscal que trava investimentos nas áreas sociais, limita o crescimento dos salários para atender aos interesses dos grandes bancos.

Por isso, Hertz e Vanessa dizem que nenhuma dessas propostas poderá ser plenamente concretizada sem enfrentar o poder econômico dos grandes grupos empresariais e construir um governo apoiado na organização independente da classe trabalhadora. Só a classe operária, por meio de sua própria luta e organização, junto ao povo pobre e oprimido, com um programa revolucionário e socialista, pode derrubar de vez esse sistema de exploração e opressão e construir um Estado socialista que garanta uma real mudança nas condições de vida da grande maioria da população. ■

ELEIÇÕES 2026

Confira as pré-candidaturas socialistas e revolucionárias do PSTU pelo país



uma
alternativa
socialista e
revolucionária
para o Brasil

TARIFAÇÃO

Em nova ofensiva imperialista, Trump quer o Brasil de joelhos



DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO



Presidente Donald J. Trump. Foto: Patrick B. Rudd

No dia 15 de julho, o governo Trump confirmou o novo tarifaço contra o Brasil, numa nova ofensiva que não esconde o objetivo do imperialismo estadunidense: colocar o país completamente de joelhos diante dos interesses dos EUA.

A justificativa para a nova leva de tarifas de 25% sobre as exportações brasileiras seriam supostas práticas desleais de comércio. Isso incluiria, segundo o Escritório do Representante do Comércio dos Estados Unidos (USTR na sigla em inglês), o Pix, o desmatamento, a 25 de Março (tradicional centro de comércio popular em São Paulo) e uma alegada restrição à atuação das *big techs* estadunidenses no Brasil.

A taxaço inclui uma lista de exce  o de aproximadamente 2 mil itens; entre eles, a carne bovina, o suco de laranja, o café, petróleo e gás, além de peças aeroespaciais, produtos cuja taxaço elevaria a infla  o no país. Mesmo assim, atinge setores nacionais importantes, como o de máquinas e equipamentos, além da indústria têxtil e calçadista. Algo como 18% das exporta  es, num impacto de mais de US\$ 7 bilhões.

Trata-se de um evidente ataque imperialista contra a soberania do Brasil, porcamemente disfarçada de medida alfandegária. Além de acumular um superávit de quase US\$ 450 bilhões nos últimos quinze anos com o Brasil, nem mesmo o Pix representa qualquer perigo aos interesses dos bancos estadunidenses. Muito pelo contrário, as próprias bandeiras de cartões de crédito dos EUA, como o Mastercard, afirmaram que lucraram muito com o aumento da bancariza  o proporcionada pelo sistema de pagamento.

EXIGÊNCIA DOS EUA: SUBMISSÃO COMPLETA A WASHINGTON

Poucos dias após o anúncio do tarifaço, autoridades do governo que negociam com os EUA vazaram as exigências de Trump para, ao menos, aliviar as tarifas. É um conjunto de medidas que pretende transformar o Estado brasileiro, na prática, num puxadinho do Estado estadunidense. Para começar, zerar qualquer tarifa    importa  o de produtos como bens industrializados, aeroespacial e automotivo.

Essas exigências se somam às já realizadas antes, como o fim de qualquer taxaço à entrada do etanol estadunidense, a livre a  o das *big techs*

aqui acima de qualquer lei brasileira e a restrição do Pix aos países não ocidentais. Segundo o ministro do Comércio Exterior, Márcio Elias Rosa, uma das exigências do governo Trump, não formalizada, foi “limitar investimentos por atores não orientados pelo mercado e entidades estrangeiras”, numa evidente referência à concorrente China.

Para se ter uma ideia do nível de submissão exigido pelos EUA, uma das imposições é a incorporação dos padrões da Food and Drug Administration (FDA) para produtos farmacêuticos e equipamentos médicos acima de qualquer regulamentação da Anvisa. Ou seja, só faltou decretar o inglês como língua oficial do Brasil e a libra como medida de peso.

Tarifaço atinge 18% das exportações num impacto estimado em US\$ 7 bilhões.

DOUTRINA “DONROE”

Um ataque que mira as eleições e vai além

O tarifaço é uma ingerência explícita contra o Brasil, numa tentativa de influenciar o cenário eleitoral e impor um governo fantoche no Planalto, alinhado à extrema direita trumpista e internacional. É parte, ainda, do plano de submeter o conjunto da América Latina aos ditames do império e cravar uma barreira contra a ascensão do imperialismo chinês.

Faz parte dessa política a intervenção militar na Venezuela; o recrudesimento das sanções e a ameaça de ataque a Cuba; além do apoio aos candidatos da extrema direita que venceram eleições recentemente, como no Peru e na Colômbia. Compõe esse processo, ainda, a classificação de organizações criminosas como terroristas, o que vai criando as condições para um ataque militar direto, como no México e no próprio Brasil. Ou seja, mesmo que uma intervenção militar não esteja nos planos imediatos de Trump por agora, a simples possibilidade de fazê-lo vai pairar como ameaça e pressão contra os países.



Agentes de Trump: senador cassado Eduardo Bolsonaro, blogueiro Paulo Figueiredo, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, e Flávio Bolsonaro

BRASIL VAI VIRAR VENEZUELA?

Uma reportagem do The New York Times revelou como Marco Rubio, de dentro da Casa Branca, controla diretamente os rumos da Venezuela. Desde a alocação do orçamento das exportações venezuelanas até as empresas autorizadas a atuar no país, tudo é decidido pelo Secretário de Estado

de Trump, via WhatsApp, com determinações claras à presidente Delcy Rodríguez em Caracas.

A ironia trágica do caso é que justamente um dos argumentos do bolsonarismo para tentar se reeleger é que, caso contrário, “o Brasil viraria uma Venezuela”. E, de fato, é isso que Flávio Bolsonaro e a extrema direita brasileira querem: se colocar como meros intermediários dos interesses imperialistas de Trump. Brasil acima de tudo, e Trump acima de todos.

AGENTE DOS EUA

Flávio Bolsonaro promete entregar administração do país a Trump

O anúncio do tarifaço ocorreu poucos dias após a reunião pública realizada pelo USTR em Washington, na qual o pré-candidato da extrema direita, Flávio Bolsonaro, protagonizou um papelão ao se negar a defender o fim das tarifas e apenas postergá-las por três meses, ou seja, até ele próprio ser eleito. Flávio Bolsonaro afirmou que negociaria o Pix, privilegiaria a entrega das cobiçadas terras raras a Trump e que um tarifaço, neste momento, beneficiaria a campanha de Lula. Flávio queria o tarifaço como uma ameaça: votem em mim ou meu patrão tariffará o país.

Semanas antes, uma carta de Marco Rubio a Flávio Bolsonaro deixou escapar que o pré-candidato ofereceu ao governo estadunidense colocar, se eleito, uma equipe de transição à disposição dos EUA. Ou seja, uma vez eleito, o candidato do bolsonarismo não vai organizar a transição com o anterior, mas direto

com a Casa Branca. Um ato de entreguismo e traição sem precedentes desde a conformação do Brasil como Estado independente. Se fosse estadunidense e fizesse algo próximo disso, Flávio Bolsonaro poderia ser condenado à pena capital por traição.

RENAN SANTOS: "NEGOCIAR TERRAS RARAS COM OS EUA"

O pré-candidato do MBL, Renan Santos, que tenta se cacifar como alternativa da extrema direita, aproveitou o caso para descolar sua imagem de um abatido Flávio Bolsonaro. Atacou o governo Lula por "empurrar com a barriga as negociações" e chamou o pré-candidato de bolsonarista.

Seu grande projeto de soberania? Negociar as terras raras com Trump. O pré-candidato, que vem ganhando projeção em parte significativa da juventude, mostra, assim, que seu programa não vai além do entreguismo do atual governo ou da extrema direita bolsonarista na qual sempre pegou carona e agora tenta se desvencilhar com cinismo.



Renan Santos: terras raras na mesa de negociação

Governo Lula se nega a enfrentar o imperialismo



*Presidente dos EUA, Donald J. Trump, e presidente do Brasil, Lula.
Foto: Daniel Torok*

O anúncio do tarifaço de Trump, já esperado pelo governo brasileiro, veio acompanhado de palavras duras e discursos em defesa da soberania. A prática, porém, como de costume, passa longe das palavras.

Acompanhando as súplicas de uma burguesia subserviente, o governo Lula se nega a aplicar a Lei da Reciprocidade, insistindo na negociação para, ao menos, aumentar a lista das exceções do tarifaço e dirimir os prejuízos. Também anunciou uma ajuda aos setores exportadores afetados, ampliando os benefícios às grandes empresas e ao agronegócio já bastante privilegiados.

Um artigo assinado pela economista Monica De Bolle (que não pode ser acusada de esquerda ou anti-imperialista) na Folha de S.Paulo defendeu uma medida simples: retaliação imediata aos EUA barrando justamente os produtos não taxados.

Ora, se Trump precisa da carne e do café brasileiro, o Brasil deixaria de mandá-los enquanto vigorasse o tarifaço. Com as eleições legislativas batendo à porta, Trump aguentaria uma inflação no café da manhã dos eleitores estadunidenses?

O problema é que até mesmo uma medida tão mínima não encontra eco no governo brasileiro ou numa burguesia estrutural e historicamente submissa à potência imperialista de plantão. O governo Lula se limitou a afirmar que acionaria a reciprocidade “no momento certo”. Qual momento? Não sabemos, e provavelmente nunca saberemos.

LULA E BOLSONARISMO: DIFERENTES FORMAS DE ENTREGAR O PAÍS

Se Flávio Bolsonaro se coloca como agente direto do imperialismo estadunidense, o governo Lula não deixa, a seu modo, de também impor uma política econômica entreguista. A diferença é que o governo Lula aceita negociar as terras raras com os EUA, como vimos em seu último encontro com Trump, mas não abre mão também de vender o país ao decadente imperialismo europeu (como no recente acordo Mercosul-UE). Ou ainda vender o país ao capital do dinâmico imperialismo chinês.

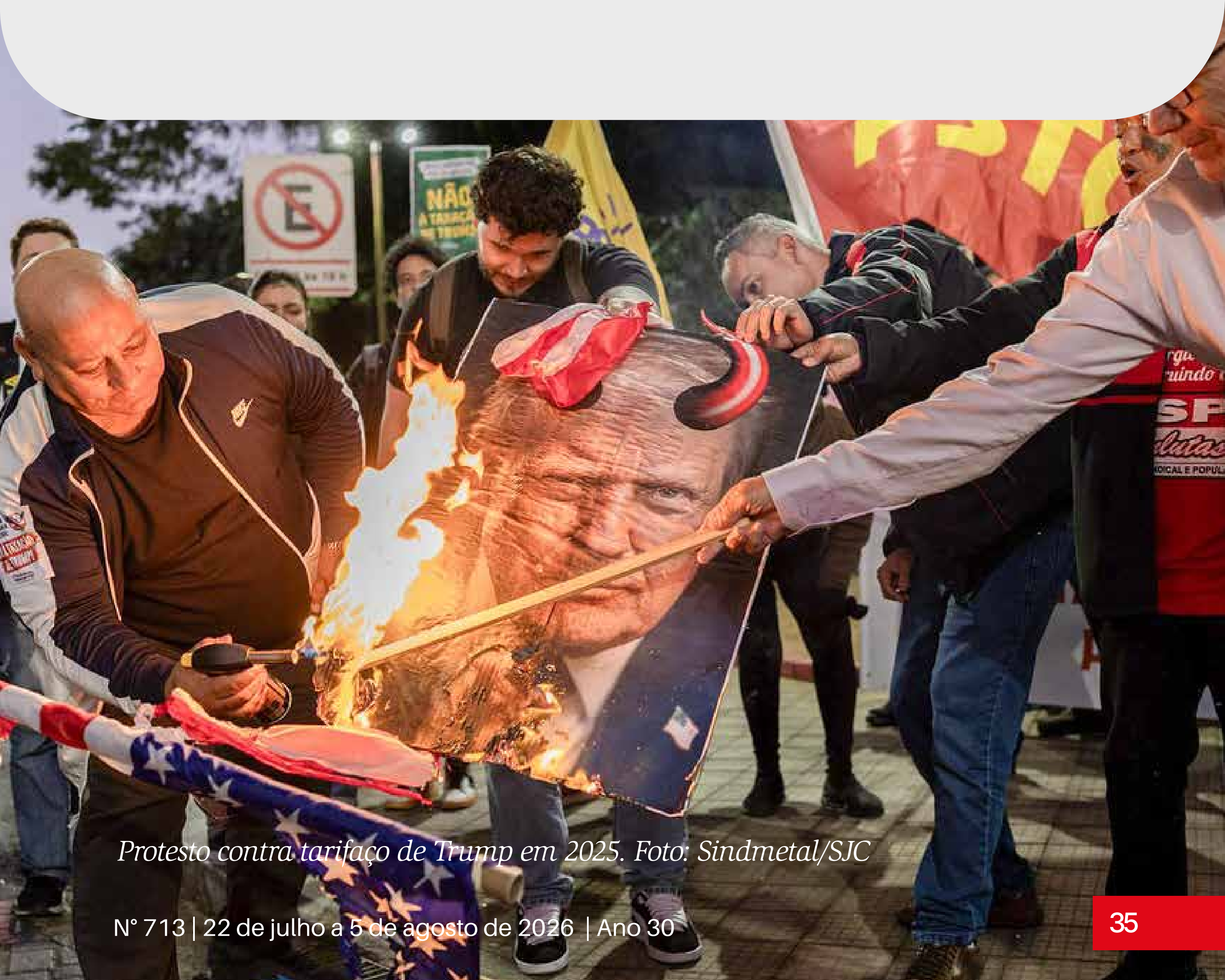
Enquanto o bolsonarismo deseja entregar o país num pacote fechado aos EUA e a Trump, sendo parte submissa do projeto MAGA e dos planos da extrema direita imperialista, Lula negocia com Trump, mas preferiria negociar com Biden ou qualquer outro democrata. O governo Lula, assim, na prática também se subordina aos EUA, mas tenta garantir algumas migalhas para uma burguesia nacional que depende disso.

RETALIAÇÃO JÁ

Unidade dos trabalhadores latino-americanos contra a ofensiva de Trump

O tarifaço reforça a necessidade de uma luta unificada do povo e dos trabalhadores latino-americanos contra o imperialismo estadunidense e sua doutrina de invasão, ataque e submissão.

No Brasil, isso passa pela exigência para que Lula retalie os EUA, uma medida mínima contra o ataque. Mas passa, sobretudo, pela luta da classe trabalhadora pela ruptura com o imperialismo, com a expropriação das multinacionais estadunidenses, do capital estadunidense aportado aqui e solidariedade ativa ao povo latino-americano, como a entrega de petróleo a Cuba. ■



Protesto contra tarifaço de Trump em 2025. Foto: Sindmetal/SJC

COPA DO MUNDO 2026

Apito final: o que fica da Copa de 2026



ÉRIKA ANDREASSY E JOÃO PEDRO ANDREASSY,
DE SÃO PAULO (SP)



Trump e presidente da Fifa, Gianni Infantino, cumprimentam jogadores da Espanha, ganhadora da Copa do Mundo de 2026. Foto: reprodução

A Copa de 2026 coroou uma nova geração. A Espanha confirmou um projeto baseado em um elenco jovem, coletivo e tecnicamente refinado, enquanto Messi, Cristiano Ronaldo, Modric, De Bruyne e Harry Kane se despediram dos mundiais. Ao mesmo tempo, seleções tradicionais ficaram pelo caminho: Uruguai e Alemanha caíram precocemente, e a Itália nem sequer conseguiu se classificar. A eliminação brasileira para a Noruega de Erling Haaland simbolizou um futebol em transformação, no qual o talento está cada vez mais distribuído pelo mundo e já não pertence apenas às velhas potências.

A ampliação para 48 seleções confirmou essa tendência. Equipes antes vistas como figurantes

ganharam protagonismo. Uma das maiores simpatias da torcida mundial foi Cabo Verde. Mas essa mesma seleção também lembrou que o futebol não está separado das contradições da sociedade: seu capitão foi acusado de violência sexual durante a competição. A Copa mostrou mais uma vez que o esporte reproduz tanto o melhor quanto o pior do mundo em que vivemos.

CONTRADIÇÕES DENTRO E FORA DE CAMPO

Fora de campo, esta talvez tenha sido uma das Copas mais políticas da história. Disputada nos Estados Unidos, Canadá e México, ocorreu sob a sombra do governo Trump, que transformou o torneio em vitrine enquanto endurecia sua política contra migrantes. O tratamento dado à seleção iraniana, sob o silêncio cúmplice da Fifa, talvez seja o exemplo mais nítido disso. A própria Fifa abandonou qualquer aparência de neutralidade ao reverter o cartão vermelho do atacante estadunidense Folarin Balogun após pressão direta da Casa Branca, privilégio que nenhum outro atleta recebeu.

As contradições apareceram por toda parte. Enquanto o México protagonizou uma campanha de solidariedade ao povo venezuelano após os terremotos, parte de sua torcida voltou a entoar gritos homofóbicos contra goleiros adversários. O técnico do Egito levantou a bandeira da Palestina, enquanto sua seleção deixou o torneio cercada por reclamações contra a arbitragem. O Haiti teve um uniforme vetado por fazer referência à revolução que libertou os escravizados e fundou a primeira república negra das Américas. A Fifa insiste em chamar isso de neutralidade, mas ela só funciona quando protege a ordem estabelecida.

REPRODUÇÃO DA SOCIEDADE DE CLASSES

Outra marca do Mundial foi a consolidação das apostas esportivas como parte inseparável do espetáculo. As bets ocuparam transmissões, estádios e redes sociais, aprofundando a transformação do futebol em um grande negócio enquanto milhões de trabalhadores são atraídos pela promessa de dinheiro fácil.

Também não faltou espaço para a fabricação de celebridades: enquanto uma geração histórica se despedia naturalmente, parte da imprensa brasileira insistia em manter Neymar como centro do projeto da Seleção, muito mais pela força da marca do que pelo futebol apresentado.

Apesar de tudo, a Copa reafirmou por que o futebol continua sendo o esporte mais popular do planeta. Em um mundo marcado por guerras, racismo, xenofobia e lgbtifobia, milhões torceram por equipes formadas por jogadores de diferentes origens, etnias e religiões. A miscigenação que caracteriza o futebol moderno segue sendo uma de suas maiores riquezas.

A principal lição da Copa de 2026 talvez seja essa: o futebol não está acima da sociedade de classes. Ele reproduz seus interesses econômicos, preconceitos e disputas de poder. Mas também expressa solidariedade, criatividade e resistência. É justamente essa tensão permanente entre mercadoria e paixão popular que faz da Copa do Mundo muito mais do que um torneio esportivo, mas um retrato das contradições do nosso tempo. Que venha a Copa Feminina de 2027! ■

PETROBAS

Petroleiros preparam campanha para segundo semestre

Plano de cargos, Petros, teletrabalho e regime offshore na pauta de exigências ao RH da gestão Magda, no marco da permanente luta pela reestatização da Petrobras e fim dos leilões de petróleo



Trabalhadores terceirizados no Complexo Boaventura

Como afirma em seu comunicado, “diante da falta de compromisso da companhia com os seus trabalhadores, a FNP (Federação Nacional dos Petroleiros) convoca a categoria petroleira a construir um movimento unificado com calendário nacional de mobilizações”. Na pauta, plano de cargos, equacionamento da Petros, teletrabalho, regime e condições do offshore, PLR, transição energética, reestatização, convocação do cadastro de reserva, terceirização, contratos precarizados, periculosidade e 14×21 – entre outros temas envolvendo ativos e aposentados, próprios e terceirizados, setor estatal e privado, além de concursados.

"A categoria não pode ficar parada esperando pelas eleições e por um novo governo. A empresa tem em mãos a proposta [de Plano de Cargos] unificada das duas federações (FNP e FUP) há mais de [um] ano", segundo editorial do Sindipetro-RJ.

O sindicato também afirma que "a Petrobras não cumpre o que havia prometido na Comissão Quadripartite, que era a apresentação de uma proposta concreta para solucionar os equacionamentos. Essa promessa, inclusive, foi utilizada de forma demagógica pela FUP para justificar o fim da greve histórica de dezembro de 2025. Até o momento, o Fórum em Defesa dos Participantes da Petros informa que não há proposta consensual, e a companhia se recusa a divulgar o montante que irá dispor para pagar sua dívida com o PPSP-1".

No mês de agosto acontecem seminários, congressos e assembleias nos sindicatos petroleiros, que culminarão com mobilizações de ativos e aposentados da estatal.

IMPERIALISMO GOLEIA BRASIL

Se ainda valem trocadilhos com futebol, o governo e a alta administração da Petrobras são craques em dar bolada nas costas dos petroleiros. A situação gera ainda mais revolta quando se escuta da própria presidente da empresa que o que mais interessa à companhia é a geração de lucros e o pagamento de dividendos a acionistas, como declarou recentemente Magda Chambriard, para estudantes de uma escola de negócios francesa.

Enquanto o país desce a ladeira da industrialização (saindo da 33ª posição em 2024 para 69ª este ano, segundo o jornal O Globo), a Petrobras segue como grande exportadora de óleo cru, destina quantia insuficiente à transição energética e aponta a exploração de novas fronteiras em ritmo para atender os interesses do grande capital internacional, o que se comprova pela continuidade dos leilões de petróleo, inclusive na Margem Equatorial, isso tudo sem o governo sequer utilizar a lei da reciprocidade para combater minimamente o tarifaço de Trump.

Essa postura foi denunciada na greve petroleira do final de 2025 com o lema "+ACT, – Acionista!". "A cada resultado financeiro divulgado pela Petrobras, os grandes acionistas comemoram como se fosse um gol da seleção em final de Copa do Mundo. Basta olhar para o lucro líquido de 2025: R\$ 110,1 bilhões (US\$ 19,6 bilhões), um salto de 200% em relação a 2024 (R\$ 36,6 bilhões). A euforia do mercado veio carimbada pelo pagamento de R\$ 41,23 bilhões (US\$ 8,02 bilhões) em dividendos.

Para o novo Plano de Negócios 2026-2030, a companhia projeta pagamentos potenciais de dividendos entre US\$ 45 bilhões e US\$ 50 bilhões. Embora a faixa máxima pareça ligeiramente inferior aos US\$ 45-55 bilhões do plano anterior, a dinheirama representa impressionantes 56% a 62% do valor de mercado da empresa. Ou seja, a prioridade máxima continua sendo encher os bolsos de quem fica só de camarote. Assim, a gestão deixa bem claro para quem ela realmente joga", denuncia o Sindipetro RJ.

MOBILIZAÇÃO NAS PLATAFORMAS DE BÚZIOS E NO COMPLEXO BOAVENTURA MOSTRAM O CAMINHO

Apostando que os petroleiros ficarão reféns do calendário eleitoral, a direção da empresa estica a corda. Se a categoria ainda não se levantou em um calendário nacional unificado por suas bandeiras mais gerais, entretanto, as recentes mobilizações no Rio de Janeiro, entre outras, são indícios de contratendência.

Foi o que mostraram os operários do Complexo Boaventura, em uma greve que conquistou reajuste salarial e vale-refeição e trouxe à tona a questão da periculosidade, tema que continua latente e pode determinar a retomada do movimento. Ou os offshore do Campo de Búzios, que, com uma paralisação de advertência nas permissões de trabalho, forçou a empresa fazer avançar a solução de suas demandas. ■

A categoria não pode ficar parada esperando pelas eleições e por um novo governo.

FORTALECENDO UMA FERRAMENTA DE LUTA

Sindipetro-RJ filia-se à CSP-Conlutas



DA REDAÇÃO



Eduardo Henrique, diretor do Sindipetro-RJ e também da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas, participa de reunião da coordenação

É num contexto de forte embate da categoria contra os planos do governo e da direção da empresa que recebemos uma notícia muito positiva: a filiação de mais um combativo sindicato petroleiro à CSP-Conlutas Central Sindical e Popular.

O site do sindicato informa que “dezenas de novos sindicalizados integraram o quórum dos 1.161 filiados(as) presentes nas 116 assembleias realizadas durante 5 semanas, em 19 unidades de 7 empresas, distribuídas por 7 cidades, que aprovaram, com 70% dos votos válidos, a filiação do sindicato à central”.

“Este importante passo visa aprofundar a relação entre o sindicato e central para reforçar a luta da categoria petroleira e da classe trabalhadora como um todo. A CSP-Conlutas se soma ao Sindipetro-RJ. Ela fortalece o sindicato e transforma nossas lutas em parte de uma batalha nacional e internacional da

classe trabalhadora. Quando o Sindipetro-RJ luta, a CSP-Conlutas luta junto. Quando categorias organizadas na CSP-Conlutas lutam, o Sindipetro-RJ passa a fazer parte dessa luta”, afirmou Eduardo Henrique, dirigente do sindicato e da Executiva Nacional da Conlutas, além de secretário-geral da FNP, citando manifesto distribuído aos petroleiros durante os meses de maio e junho.

Desde 2017, após o sindicato ter se desfilado da CUT, as chapas que venceram as eleições para a diretoria da entidade têm, em seu programa, o objetivo de se aproximar da CSP-Conlutas e outras iniciativas comprometidas com a independência em relação aos patrões e aos governos, proposta mais de uma vez referendada nos congressos do Sindipetro-RJ.

A relação com a CSP-Conlutas vem sendo estreitada. Nas lutas em defesa do teletrabalho e na histórica greve que a categoria protagonizou em dezembro de 2025 também tivemos o exemplo da participação da central. Em abril, centenas de colegas referendaram, em reuniões na base, a delegação enviada ao VI Congresso da CSP-Conlutas.

Já o Congresso do Sindipetro-RJ de 2025 facultou a realização dessa consulta aos sócios, que terminou no dia 2 de julho, com aprovação da filiação por ampla maioria.

SINDICATO COMEMORA NOVAS FILIAÇÕES E SEGUIDORES

A comunicação sindical registra que, durante o mês de junho, o Sindipetro-RJ bateu as marcas dos 7.000 sócios e dos 20 mil seguidores no Instagram.

Apenas este mês, mais de 120 petroleiros e petroleiras assinaram a ficha de filiação, grande parte durante as assembleias.

PARTICIPAÇÃO DA DELEGAÇÃO PETROLEIRA E RESOLUÇÕES DO CONGRESSO E DA RCN MOSTRAM A IMPORTÂNCIA DO SETOR

Os sindicatos petroleiros – como é o caso dos sindipetros Amazônia e AL/SE e agora o Sindipetro RJ, entidade de reconhecida importância por seu peso e coerência na defesa da independência de classe – têm muito a contribuir com a central (e vice-versa!), não só nas mobilizações propriamente ditas como também nas elaborações programáticas e políticas, informações técnicas sobre o setor e troca de experiências e conhecimento.

Como no caso do congresso da central e sua mais recente Reunião da Coordenação Nacional. As mídias da CSP-Conlutas informam que na RCN da entidade, realizada no último fim de semana, se reservou um momento para registrar a filiação de um dos principais sindicatos de petroleiros do país. E afirma: “Nossa Central se empenhará para que a filiação se torne uma ferramenta de fortalecimento mútuo e das lutas dos trabalhadores, dos setores oprimidos e dos movimentos sociais brasileiros, assim como mobilizações internacionais de nossa classe”. ■

Assista ao informe da filiação do Sindipetro-RJ à CSP-Conlutas durante reunião da coordenação nacional da central

CLIQUE AQUI

IRÃ

Trump retoma guerra para reverter fracasso



FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)



Marcas da violência imperialista: escombros em Teerã após bombardeios dos EUA e Israel, 22 de março de 2026. Fonte: Fotos públicas

Em 17 de abril, o presidente Trump firmou um memorando de entendimento que, entre outros pontos, estabeleceu um cessar-fogo em todas as frentes, incluindo o Líbano, e a garantia de que o Irã permitiria a passagem de navios pelo estreito de Ormuz sem cobrança de nenhuma taxa por 60 dias. Em troca, as forças estadunidenses suspenderam o bloqueio aos portos iranianos e as sanções sobre as exportações de petróleo iraniano.

O memorando é favorável ao Irã e expressa o fracasso da agressão. No entanto, Trump busca reverter a derrota, e a retomada da agressão pode aprofundá-la.

Primeiro foi o Líbano. Trump impôs um acordo neocolonial contra o Líbano que garante às forças

israelenses a permanência no sul do Líbano e o direito de revidar a qualquer ameaça. Ao governo do Líbano, fica a obrigação de desarmar as milícias ligadas ao partido político libanês Hezbollah. Ou seja, Israel terceirizou o combate ao Hezbollah sem se retirar do território libanês.

Depois Trump decidiu atacar o Irã após três navios, que desacataram as ordens iranianas de cruzar o estreito pela rota norte, levarem tiros de advertência, no dia 7 de julho. Além disso, Trump voltou a bloquear os portos iranianos e a impôr sanções sobre as exportações de petróleo.

Os ataques estadunidenses foram ampliados ao longo de onze dias, mas ainda não atingiram os níveis da ofensiva de 38 dias iniciada em 28 de fevereiro. No entanto, Trump ameaça com uma ampliação qualitativa dos ataques com foco no sul do país, na ilha de Kharg e na montanha da picareta, perto de Isfahan, onde Trump acredita estarem depositados 400 quilos de urânio enriquecido a 60%.

Apesar dos ataques militares e das ameaças, o regime iraniano não aceita modificar o Memorando de Entendimento em detrimento de seus interesses. E tem revidado à agressão militar dos EUA, atacando as bases estadunidenses em vários países da região.

INDÚSTRIA DA MORTE

Big techs, petroleiras e indústria militar lucram com a guerra

No dia 21 de julho, o secretário de defesa dos EUA, Pete Hegseth, foi ao parlamento

estadunidense pedir mais US\$ 70 bilhões para a agressão contra o Irã. Ele afirmou que a guerra já consumiu US\$ 37,5 bilhões. O orçamento total pleiteado chega a US\$ 1,5 trilhão.

Parte desses recursos vai para big techs como Palantir, Microsoft, Amazon e SpaceX, as quais possuem contratos bilionários para desenvolver sistemas militares integrados por inteligência artificial para ações militares, vigilância e comunicações, logística e armazenamento de dados e softwares em nuvens.

Outra parte vai para o chamado complexo industrial-militar com empresas do porte da Lockheed Martin, fabricante de aviões, mísseis e helicópteros; a Raytheon (atual RTX), que produz os mísseis Patriot e Tomahawk; a Northrop Grumman, que faz o bombardeiro B-21; a General Dynamics, que produz submarinos nucleares, navios destroyer e tanques Abrams; e a Boeing, especializada em aviões militares.

Além dessas corporações, petroleiras como a ExxonMobil, a Chevron, a ConocoPhillips, a Occidental Petroleum lucram bilhões com o aumento do preço do petróleo em quase 50%, atingindo US\$ 90 o barril do tipo Brent.

REVESES

No entanto, o fechamento do estreito de Ormuz atinge em cheio o conjunto da economia mundial e se reflete nas projeções de menor crescimento econômico, de maior inflação e taxa de juros com impacto nas ações das grandes empresas e no bolso da classe trabalhadora. Por isso há divisões interburguesas dentro dos Estados Unidos, onde

alguns setores apoiam ampliar a agressão para subjugar o Irã, e outros criticam a decisão de Trump de ir à guerra e retomá-la.

Há também divisões interimperialistas. Enquanto os Estados Unidos, que é o imperialismo hegemônico, mantém a agressão ao Irã, o que levou ao fechamento do estreito de Ormuz, o imperialismo europeu quer o fim do conflito e a reabertura do estreito pois sua economia é uma grande vítima dos altos preços do petróleo e gás.

ELEIÇÕES AMEAÇADAS

A impopularidade da guerra pode levar a uma derrota eleitoral

Desde sua eleição, o governo Trump já enfrentou várias crises de popularidade. Sua amizade com o pedófilo Jeffrey Epstein gerou crises na base de seu movimento direitista Make America Great Again (MAGA). Pouco divulgado pela mídia, Epstein também tinha fortes ligações com o dirigente sionista Ehud Barak e possivelmente com o serviço secreto israelense por meio do pai de sua companheira, o magnata da mídia britânica Robert Maxwell, morto em condições não elucidadas, e sepultado no Monte das Oliveiras com a presença do primeiro-ministro israelense e dirigentes do Mossad.

Outro fator de crise foram as ações do serviço de imigração ICE, transformado em polícia política pelo presidente Trump. O ponto alto foi o levante popular em Minneapolis após a invasão e o assassinato de dois manifestantes, o que obrigou Trump a retirar o ICE da cidade. Recentemente, o

ICE assassinou dois imigrantes em batidas policiais violentas.

Agora é a guerra e, em particular, seu impacto inflacionário. A impopularidade do governo Trump deve se refletir nas eleições de meio de mandato em outubro, levando à perda da maioria na Câmara dos Deputados (House of Representatives). Para minimizar uma eventual derrota, Trump está recorrendo a mudanças em distritos eleitorais (prática conhecida como gerrymandering), a dificultar o voto dos mais pobres pelos correios e a exigir documentos nacionais, além de fazer denúncias falsas de fraude eleitoral.

REPRESSÃO INTERNA CONTINUA

Irã luta para assegurar o controle do estreito

A agressão estadunidense e israelense representou uma ameaça existencial ao regime iraniano e ao próprio país. No entanto, após 38 dias de pesados bombardeios, o Irã sobreviveu e conquistou o controle sobre o estreito de Ormuz que lhe dá uma vantagem dissuasória sobre os inimigos que ele não tinha antes. Dessa forma, o regime, agora dominado pela Guarda Revolucionária, moralizou-se perante a parcela da população iraniana que o apoia.

No entanto, a repressão interna continuou após o massacre de mais de 20 mil manifestantes nos dias 8 e 9 de janeiro deste ano. Mesmo durante a agressão militar ao país, o governo enforcou 18 manifestantes e impôs uma pena absurda contra a

cantora Parastoo Ahmadi, que se apresentou sem véu em uma gravação e foi condenada a 74 chibatadas e dois anos sem poder se apresentar nem sair do país. Esta semana, a Al Jazeera publicou um artigo sobre o fechamento de bares e cafés no centro de Teerã por aceitarem clientes mulheres sem véu!

Essa repressão aliena grande parte da população e fragiliza a defesa do país. A ampla maioria do povo iraniano rejeita a agressão estadunidense. A experiência histórica demonstra que a população nunca se beneficiou de qualquer invasão estrangeira. Além disso, os ataques se dirigiram contra alvos militares e civis, colocando em risco a vida da população e a infraestrutura econômica e social do país.

A posição do PSTU e da LIT-QI é contundente. Estamos na trincheira militar do regime iraniano contra a agressão estadunidense, sem que isso implique qualquer apoio político ao regime. Defendemos a libertação dos presos políticos e a suspensão dos enforcamentos. Entendemos que, para garantir a defesa do país, em particular em caso de invasão terrestre, é necessário armar a população, principalmente no sul, na ilha de Kharg e nos arredores da montanha da picareta.

Fora Israel do Líbano, da Síria e da Palestina

No dia 21 de julho, os presidentes do Líbano, Joseph Aoun, e dos Estados Unidos, Donald Trump, reuniram-se na Casa Branca. Aoun pediu ao presidente Trump ajuda para reconstruir a economia, fortalecer as forças armadas libanesas

e acelerar a saída das forças israelenses do país. Trump disse que não há prazo para a saída das tropas israelenses, mas liberou voos diretos entre os EUA e o Líbano.



Soldados iranianos rezam

Joseph Aoun, ex-comandante do exército, foi eleito em 9 de janeiro de 2025. Sua eleição encerrou um ciclo de presidentes aliados ao partido xiita libanês Hezbollah e iniciou um novo ciclo de governos ligados ao imperialismo ocidental.

O Líbano vinha de uma sucessão de crises que deram um salto a partir da fuga de capitais em 2019. Até o momento, Joseph Aoun não conseguiu dar qualquer passo rumo à superação dessas crises. Ao contrário, tudo indica que está levando o Líbano a mais uma crise: a subordinação total aos Estados Unidos e uma normalização de fato com Israel.

Desde o dia 2 de março, as tropas israelenses executaram um massacre no país. Em 111 dias, os ataques israelenses mataram 4.016 pessoas (257 pessoas por dia), destruíram ou danificaram

90 mil casas e deslocaram 1,2 milhão de pessoas. Nem o serviço de saúde foi poupado. Dezesete hospitais foram bombardeados e 135 trabalhadores da saúde foram mortos. Foram 5.292 bombardeios segundo a ACLED, dos quais 81% aconteceram nos quatro distritos do sul: Sour, Nabatieh, Bint Jbeil, e Marjayoun. Apenas 5% desses bombardeios foram comunicados à população, demonstrando que os pré-avisos israelenses são um mito.

O resultado foi a ocupação de 620 kma equivalentes a 6% do território nacional, 90.747 casas destruídas, 56.320 hectares perdidos no valor de US\$ 530 milhões. As ordens de evacuação contra a população libanesa atingiram 19% do território nacional e levaram à expulsão de 1,2 milhão de pessoas, o que se constitui em deslocamento forçado, um crime contra a humanidade.

Além disso, Israel mantém o genocídio contra a população palestina em Gaza, a limpeza étnica na Cisjordânia e Al-Quds/Jerusalém, e o *apartheid* na Palestina de 1948, todos considerados crimes segundo o direito internacional.

Fica evidente que é necessária uma estratégia de luta para expulsar as tropas israelenses do Líbano e da Síria e para libertar a Palestina, do rio ao mar. ■

DIA MUNDIAL DO ROCK

O rock é preto, mulher e operário



DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO



Sister Rosetta Tharpe. Fonte: Reprodução

"Hoje é dia de rock, bebê." A frase da atriz Christiane Torloni durante a transmissão do Rock in Rio de 2011 viralizou, virou meme e, talvez de maneira involuntária, sintetizou a forma como esse estilo passou a ser visto mais de meio século depois de seu surgimento. Uma música de e para brancos, materializado no estereótipo do "roqueiro reaçã". Mas será que sempre foi assim? Ou sempre vai ser?

O dia 13 de julho é celebrado como o Dia Mundial do Rock desde o megashow beneficente Live Aid em 1985. Serve para uma breve reflexão sobre um estilo que, mais que música, transformou-se em identidade cultural, sobretudo a uma juventude contestatória e subversiva. Em seu auge, o rock virou sinônimo de rebeldia e protesto. Mas quais os caminhos e descaminhos tomados pelo rock até hoje?

RAÍZES NEGRAS

O que atualmente entendemos por rock foi o processo de fusão de vários estilos, essencialmente vindos da música negra estadunidense (e por consequência afrodiaspórica), como o blues, o gospel e, em certa medida, o jazz. O *country* também veio a influenciar este caldeirão musical, mas é incontestável que o blues, principalmente o blues eletrificado de Chicago, foi o embrião do *Rock'n'Roll*.

Nos últimos anos, foi resgatada a importante figura de Sister Rosetta Tharpe, nascida em 1915 e considerada a mãe do Rock. Rosetta introduziu a distorção em sua guitarra elétrica, trazendo uma música mais rápida e dançante. Isso ainda no final dos anos 1930, influenciando nomes como Little Richard e Chuck Berry.

Quem virou o rei do rock, no entanto, foi Elvis Presley, numa manobra comercial articulada para moldar e empacotar esse estilo num produto de massa. Numa sociedade marcada pelo racismo, a música negra foi apropriada e vendida com uma cara branca, para ser consumida pelo público branco. Um processo de pasteurização musical que, envolto no escândalo das reboladas de Elvis, caiu no gosto do grande público.

Nos anos seguintes, o rock dos Estados Unidos sofreu forte influência do folk, sobretudo pelas mãos de Bob Dylan. Do outro lado do Atlântico, nos anos 1960, quatro garotos de Liverpool formavam The Beatles, enquanto em Londres surgiam os Rolling Stones, duas bandas que tornariam a Inglaterra na capital do rock (não por

acaso, os ingleses resgataram pouco antes os nomes esquecidos do blues).

HEAVY METAL É OPERÁRIO

O desenvolvimento do rock passou pela formação de uma miríade de estilos e subgêneros. Mas, embora representado quase exclusivamente por homens brancos, suas raízes negras sempre se mantiveram presentes. Praticamente todos os bateristas do rock vieram do jazz. O principal nome do rock progressivo foi inspirado em dois bluesmen: Pink Anderson e Floyd Council.

Mas foi no início dos anos 1970 que uma nova revolução surgia, no centro industrial inglês de Birmingham. O Black Sabbath, formado por jovens operários, baixou a afinação das guitarras, cadenciou a bateria e o baixo e criou um som mais pesado, soturno e agressivo, no que viria a ser chamado de heavy metal. Ozzy Osbourne, falecido no ano passado, foi o ícone do estilo e reverenciado por metaleiros de diferentes gerações.

E NO BRASIL?

O rock chegou ao Brasil já branco, podado e domesticado. A jovem guarda reproduzia versões estadunidenses com letras inofensivas e um simulacro de subversão. Embora entre o final dos 1960 e na década de 1970 tenha surgido uma cena fértil de rock progressivo, encabeçada pelos Mutantes.

Foi só nos anos 1980 que o rock ganhou as massas, por meio principalmente de dois polos: Brasília e São Paulo. O fim da ditadura militar abriu espaço para bandas inspiradas no punk e

pós-punk inglês e estadunidense. Enquanto em Brasília a cena era capitaneada por filhos de diplomatas e embaixadores, com acesso a discos importados, em São Paulo a cena punk tinha um caráter mais proletário, que empalmava com o ascenso operário da época.

MULHERES E NEGROS RETOMAM O ROCK?

Numa cena hegemonizada por uma classe média branca, não seria estranho que parte significativa do público tivesse se deixado levar por um conservadorismo ressentido, no sentido contrário ao que o rock representava décadas atrás. As vaías a Roger Waters no show em São Paulo, em 2018, quando ele denunciou Bolsonaro como um líder autoritário de extrema direita, é paradigmático.

Nos últimos anos, porém, o rock, internacional e aqui no Brasil, vem ganhando novos e promissores ares. Bandas como Nervosa e Crypta, formadas por mulheres, conquistam importante espaço numa cena majoritariamente machista como o metal.



Crypta. Fonte: Reprodução

O Black Pantera, por sua vez, formada em Uberaba por músicos pretos, relembra em suas músicas de onde vem esse estilo que tanto amamos. Como a letra da música “Perpétuo”:

*“Não se esqueça jamais
Toda força vem dos ancestrais
E eu te pergunto aê
O que seria do mundo
sem a Cultura Preta?”* ■



Black Pantera. Foto: Divulgação